

BOLETIM

02-22

www.sbnpbrasil.com.br

Neuropsicologia do Esporte



Sociedade Brasileira de Neuropsicologia (SBNp)

Presidente

Rochele Paz Fonseca

Vice-presidente

Annelise Júlio-Costa

Tesoureira Geral

Andressa Moreira Antunes

Tesoureira Executiva

Beatriz Bittencourt Ganjo

Secretária Geral

Caroline de Oliveira Cardoso

Secretário Executivo

Victor Polignano

Conselho delibetativo

Deborah Amaral de Azambuja

Márcia Lorena Fagundes Chaves

Nicole Zimmermann

Rodrigo Grassi-Oliveira

Conselho Fiscal

Laiss Bertola

Maicon Albuquerque

Natália Martins Dias

SBNp Jovem

Presidente

Maila Rossato Holz

Vice-presidente

Giulia Moreira Paiva

Secretária Geral

Patrícia Ferreira

Membros da SBNp Jovem

Ana Carolina R. B. G. Rodrigues

Ana Paula Cervi Colling

Andressa Hermes-Pereira

Andreza Lopes

Elissandra Serena de Abreu

Érika Pelegrino

Luciano da Silva Amorim

Lycia Machado

Monique Pontes

Ronielo Ribeiro

Expediente

Editora

Andressa Hermes-Pereira

Editora Assistente

Ana Paula Cervi Colling

Projeto gráfico e editoração

Luciano da Silva Amorim

Editada em: fevereiro de 2022

Última edição: janeiro de 2022

Publicada em: março de 2022



Sociedade Brasileira de Neuropsicologia

Sede em: Avenida São Galter, 1.064 - Alto dos Pinheiros
CEP: 05455-000 - São Paulo - SP
sbnp@sbnpbrasil.com.br
www.sbnpbrasil.com.br



Sumário

05

HANDS ON

Caminhos para a dança como ferramenta de reabilitação

HANDS ON

Caminhos para a dança como ferramenta de reabilitação

Erika B. Pelegrino de Medeiros

Ao construir sessões de reabilitação cognitiva e motora existe um desafio para o profissional de Neuropsicologia: fazer com que as tarefas trabalhem os domínios cognitivos desejados com adesão ao tratamento por parte do paciente (Braga & Paz Jr, 2008). Por isso, diversos protocolos e atendimentos são construídos a partir de ferramentas de uso cotidiano, mas que envolvem satisfação na execução. É o caso dos tratamentos envolvendo recursos eletrônicos, piscinas, esportes e por fim a dança. Nesse Hands On, As intervenções de dois estudos: Um holandês e um Chinês (em condução) serão descritos para apontar caminhos de intervenção e pesquisa que podem ser desenvolvidos no Brasil.

A especificidade da dança pode ser vista pela necessidade de precisão, trabalho de propriocepção, adequação das ações à ritmo, posição de terceiros, o que necessita de um bom desenvolvimento das funções executivas, e gera naturalmente exercícios de atenção e memória. Aprender a dançar exige que de forma implícita se forme a imagem mental e a sensação de um movimento mecânico (Karin, 2016). Logo, se o objetivo da Dança não é simplesmente o bem – estar, o exercício físico e o contato com a cultura, mas ganhos no campo da reabilitação, da estimulação cognitiva e na adesão à tratamentos, faz-se importante adaptar a metodologia de ensino da dança à práticas adequadas e sistematizadas para construção desse tipo de intervenção (Barker, 2021).

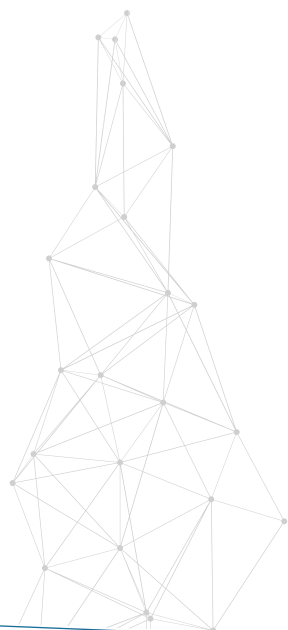
Na Holanda, em 2018, na condução de um estudo de 6 semanas com meninas diagnosticadas com Paralisia Cerebral, foram verificados ganhos objetivos em funções executivas após treino três vezes na semana durante uma hora com aulas adaptadas de ballet. As participantes com idade de 9 a 14 anos tiveram aulas num centro dentro da Universidade,

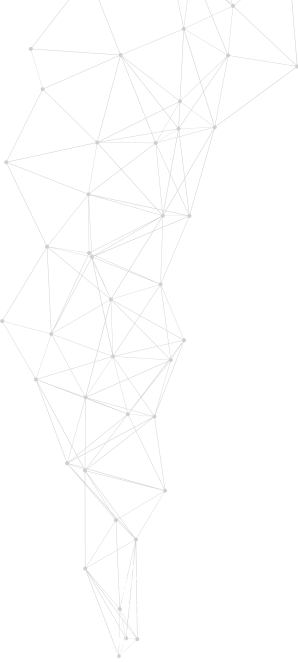
contabilizando pelo menos 16 horas de aula. Professores de Educação Física e Estudantes de Dança estiveram presentes na intervenção, o que proporcionou um acompanhamento de um para um. O suporte dado em cada passo ensinado, o uso de espelhos e de exercícios característicos da dança como: exercícios de força e barras foram acrescidos de exercícios específicos adaptados a dança que favoreceram especificidades da Paralisia Cerebral, como o alinhamento da postura e a troca de peso entre as pernas. O engajamento nas aulas foi um diferencial para o sucesso do programa. Além disso, uma apresentação aos pais finalizou a pesquisa e mostrou ganhos qualitativos em autoestima e autoimagem (Lakes et al., 2019).

Enquanto na China, Na Universidade de Hong Kong está em condução um estudo que compara os ganhos de pacientes acometidos de Acidente Vascular Encefálico entre intervenções padrão e intervenções multidisciplinares baseadas em Ballet Clássico com aplicação remota. Os primeiros resultados apontam um engajamento maior no tratamento, avanços em termos físicos, ganho de autoestima e uma melhor avaliação dos cuidadores da qualidade de vida e avanço desses indivíduos em relação ao grupo controle (Lo et al., 2021).

O que existe de comum em ambas as intervenções é uma visão integrada dos domínios cognitivos com os movimentos motores. A dança proporciona a união dos dois tipos de atividade, comumente separadas nos programas de reabilitação e aumentando assim, o número de atividades e horas necessárias para tratamento. Além disso, os ganhos pela socialização, pela construção de uma imagem corporal, e os desafios naturalmente impostos pela dança, fazem dessa atividade também um momento de lazer.

No Brasil, a Rede Sarah de Neuroreabilitação conta em seu quadro de funcionários com Professores de Educação Física e de Dança. São comumente montados grupos de dança infantis e adultos, com ou sem apoio de cadeiras de roda para ganhos motores e neurocognitivos nos pacientes. Apesar das diferenças importantes nas estratégias e objetivos dos programas de reabilitação envolvendo dança, a intenção dos desenvolvedores de ganhos em domínios, não ficam tão explícitas para os indivíduos, além de que as falhas remontam mais ao processo de aprendizagem de uma nova habilidade do que a uma falha oriunda de algum tipo de deficiência.





Pesquisas e Intervenções no campo da Dança, mostram ganhos quantitativos o suficiente para serem encorajados. Ao mesmo tempo, na prática clínica, a capacitação de professores de dança, a instrução dos mesmos sobre inclusão e sobre o impacto dessa modalidade na autoestima das pessoas pode em pequena escala favorecer ganhos, mesmo que não sistematizados e em menor escala de casos individuais.

Referências

Barker, J. (2021). Tendu to Tango Across the Lifespan : An Argument for Prioritizing Fixed Ballet Instruction as a Contemplative Practice for the Adolescent Mind and Social Dance Instruction for Healthy Aging in the Elderly Population. . . Undergraduate Honors Theses. 189.

Braga, L. W., & Paz Jr, A. C. (2008). Método SARAH: Reabilitação baseada na família e no contexto da criança com lesão cerebral. Grupo Editorial Nacional.

Karin, J. (2016). Recontextualizing dance skills: Overcoming impediments to motor learning and expressivity in ballet dancers. *Frontiers in Psychology*, 7(MAR), 1–7. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00431>

Lakes, K. D., Sharp, K., Grant-Beuttler, M., Neville, R., Haddad, F., Sunico, R., Ho, D., Schneider, M., Sawitz, S., Paulsen, J., Caputo, K., Lu, K. D., Aminian, A., López-Ortiz, C., & Radom-Aizik, S. (2019). A six week therapeutic ballet intervention improved gait and inhibitory control in children with cerebral palsy–A pilot study. *Frontiers in Public Health*, 7(JUN). <https://doi.org/10.3389/fpubh.2019.00137>

Lo, S. H. S., Chau, J. P. C., Choi, K. C., Yeung, J., Li, S. H., & Demers, M. (2021). Feasibility of a ballet-inspired low-impact at-home workout programme for adults with stroke: A mixed-methods exploratory study protocol. *BMJ Open*, 11(4), 1–6. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-045064>



SBNp

Sociedade Brasileira de
Neuropsicologia